VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

SALVAGUARDAS DE SI, PROJEÇÕES DO "EU":
BIBLIOTECAS PESSOAIS E MARCAS DE LEITURA*

Carolina Cechella Philippi**

Maria Teresa Santos Cunha (Orientadora)***

Leio em casa a qualquer hora, mas sobretudo a noite (...),
leio no bonde, não raro, andando na rua.

(Lourenço Filho, 1945, p. 7)[1]

As inúmeras caixas já foram abertas; seu conteúdo devidamente despejado, separado, elencado, catalogado. Agora, descansam no "suave tédio da ordem" e no aconchego das mais altas prateleiras. São centenas, dispostos de acordo com tema, categoria, ou qualquer outra classificação que aprouvesse; são milhares de páginas encadernadas que sobrevivem ao desgaste do tempo e ao perigo do esquecimento. As

---

* Vinculado ao Projeto de Pesquisa "Perfil de uma biblioteca, traços de um leitor: estudos sobre o acervo de um professor catarinense – Victor Márcio Konder (1920 – 2005)" desenvolvido no Centro de Ciências Humanas e da Educação / FAED/UDESC.

** Acadêmica do Curso de Pedagogia – Centro de Ciências Humanas e da Educação/FAED-UDESC, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq do referido projeto, sob orientação da Prof. Dra. Maria Teresa Santos Cunha.

*** Orientadora, Professora do Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação / FAED/UDESC

1 FILHO, Lourenço. Ensino e Biblioteca. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, número 16. Idéias e Debates, página 5 – 24.

ISBN: 978-85-98711-10-2

folhas já secas quebram facilmente, mas trazem a cada olhada a doce surpresa da pequena descoberta. Uma dedicatória, um recorte, uma assinatura, uma data... O ar seco do ambiente agora habitado pela referida biblioteca traz consigo uma preciosa carga de raridades e antiguidades[2].

Desempacoto, pois, a biblioteca de outrem.

A difusão mais amplamente percebida da prática arquivística legou a historiadores e historiadoras novas e diversas fontes que passam a exigir uma renovação das práticas historiográficas envolvidas no seu trato. A revalorização do ser individual então proposta passa a aceitar a rotinização de arquivos privados, bem como seu tratamento enquanto fonte histórica e meio de entendimento das sociabilidades que orbitam sobre o arquivista. Faz-se, contudo, forte ressalva quanto à premência e vitalidade da ação do historiador no uso e adoção destes alicerces e práticas; necessita-se de um tratamento historiográfico comum a tal modalidade de acervo, desvencilhando-se assim de uma possível ilusão de autenticidade[3].

O acervo doado ao qual me refiro agora repousa em uma pequena sala que o abriga; as folhas soltas, os catálogos, os livros e cadernos têm agora seu lugar, ainda que ligeiramente desordenado. Aguardam então tratamento adequado, enquanto encontram uma relativa ordem através de processos de catalogação e ordenação; recolher, tratar, transferir e difundir tais bens é o objetivo de arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação[4]. A biblioteca pessoal estudada encontra hoje abrigo em uma biblioteca institucional, onde é permitido o acesso do público à parte do acervo que se considera em condições para tal. Documentos gráficos, bibliográficos, escritos, fazem parte de um rico acervo de um importante intelectual, doados pela família do mesmo à instituição após uma prévia seleção e descarte. Constitui-se então um patrimônio com alojamento definido e destino certo – operações a ele relacionadas são, antes de mais nada,

---

[2] Os termos assinalados pelo uso de aspas foram retirados de maneira literal do conto: BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. In: _____ **Obras Escolhidas II** – Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. Pág 227 – 235.

[3] GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. **Revista Estudos Históricos** – Acervos Pessoais. Fundação Getúlio Vargas. Vol 11, número 21, 1998. Pág 121- 127.

[4] BELLOTO, Heloísa L. Documento, informação e meios institucionais de custódia e disseminação. In_____ **Arquivos permanentes:** tratamento documental. 2. Ed. Ver. Ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Pág. 35-43.

ISBN: 978-85-98711-10-2

processos de seleção, escolha, descarte. O arquivo faz parte de uma seleção social, onde os bens tidos como parte de um acervo ganham contornos de inviolabilidade. Por meio dele institucionaliza-se uma memória, uma noção de verdade que será perpetuada, devendo então ser feitas interrogações em torno do que e por que se preserva[5]. A biblioteca de outrem, que passa a se constituir como acervo institucional, deve ser então questionada sobre sua função, autoria, constituição, não sendo tomada como um dado biográfico "legítimo".

Contemplo uma vez mais a imensidade de páginas que ocupam todo o espaço. Uma vez desempacotada, parte-se para o trabalho de cunho propriamente historiográfico. Visto as luvas, a máscara. A vasta biblioteca abarca livros das mais variadas formas, tratando dos mais diversos temas, estando ali presentes inúmeros autores. Objetivo a catalogação e caracterização do material, definindo assim o caráter histórico e biográfico da coleção. O colecionador nela se inscreve pelo ato de guardar, e nela escreve através de marcas que são, pouco a pouco, descobertas e registradas.

O colecionador; falemos então dele.

PERFIL DE UMA COLEÇÃO, TRAÇOS DE UM COLECIONADOR

Victor Márcio Konder, o dono do acervo bibliográfico disponível, integrou uma família teuto brasileira trazida ao Brasil por Marcos Konder Sênior quando este vem ser professor de um grande comerciante de Itajaí Seu filho, Marcos Konder tem participação ativa na política, sendo nomeado vereador e chegando a ser eleito deputado federal, não tomando posse devido à revolução de 30 e suas consequências políticas na região – foi então deputado estadual pela oposição até 1937[6].

Victor Márcio Konder, o arquivista nascido em meio à tamanha efervescência política e social, nasceu em Itajaí em 1920, tendo o pai como líder do Partido Republicano Catarinense. Quando, em 1930, Getúlio Vargas sobe ao poder apoiado

---

[5] POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. **Ciências e Letras** – número 1, Agosto de 1979. Porto Alegre: Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 1979. Pág. 14 – 25.

[6] ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva Família Marcos Konder Sênior. In: _____ **Famílias de Itajaí**: mais de um século de história. Itajaí: Odorizzi, 2001.

ISBN: 978-85-98711-10-2

principalmente pela elite gaúcha, a família se muda para o Rio de Janeiro, temendo represálias políticas. Lá o jovem estudante inicia a vida partidária, alistando-se no Partido Comunista Brasileiro – por não existir na época a Juventude Comunista, Victor Márcio filiou-se diretamente ao partido[7].

Em 1936, Victor Márcio ingressa formalmente no PCB, onde permanece durante cerca de vinte anos Em livro autobiográfico[8] diz ter sido sua atuação fortemente ligada a um marcante perfil intelectual; autodenominava-se em vida um "revolucionário letrado", ilustrando assim uma afinidade intelectual conjugada a uma forte posição questionadora e crítica. Seu desligamento oficial em relação ao PCB se dá em 1956, por razões que intitulou como ideológicas. Posteriormente Victor Márcio dedicou-se ao jornalismo e a docência, ministrando na antiga Faculdade de Educação (atual FAED/UDESC) disciplinas de antropologia e sociologia.

Os mais de mil livros agora plastificados e numerados atiçam um ímpeto de rastreamento, investigação; podemos, contudo, apenas conjecturar algumas poucas razões de guarda. Para alguns volumes, talvez o uso prático imperasse, ao mesmo tempo que outros eram um simples presente a si mesmo, um meio de cultivar o prazer pela leitura por meio de momentos de descontração e evasão. Há ainda outros que podem fazer parte de um *hall* de lembranças e memórias que merecem a salvaguarda: livros didáticos, alguns inclusive preenchidos, e outros salvos devido a dedicatória nele inscrita.

Após o falecimento de Victor Márcio Konder, a família doou grande parte do acervo do intelectual à Biblioteca Universitária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC – Florianópolis), onde o mesmo havia sido professor durante longo tempo[9]. O material, após catalogado e elencado, foi dividido em duas partes: aquela integrada pelos mais recentes e preservados exemplares foi disponibilizada para consulta e aluguel na instituição; a outra, onde se encontravam os mais antigos e raros, fora armazenada no Acervo de Obras Raras da Biblioteca, e atualmente espera o

---

7 KONDER, Victor Márcio. **Militância.** São Paulo: Arx, 2002.

8 Ibidem.

9 Para a doação do material os intermediários na negociação, em outubro de 2009, foram a Bibliotecária da UDESC, Iraci Borszcz e a Profª Dra. Maria Teresa Santos Cunha, do Departamento de História da FAEd/UDESC., autora e responsável pela Coordenação da presente Pesquisa.

ISBN: 978-85-98711-10-2

processo de higienização e restauração. Demandas de pesquisa sobre o material disponível resultaram na confecção e implementação do presente Projeto de Pesquisa, onde atuam bolsistas de Iniciação Cientifica sob a orientação da Coordenadora do Projeto[10]. No presente trabalho, foram digitalizadas todas as capas dos livros integrantes da coleção e catalogados em sua integridade oito exemplares da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos[11].

A tabela seguinte ilustra o perfil da coleção que se encontra na salvaguarda do Setor de Obras Raras:

Categoria	**Exemplares**
Biografias	42
Ciências	*2*
Dicionários	*8*
Economia	31
Educação	4
Estudos Marxistas	26
Filosofia	7
Geografia	6
História	83
Literatura	23
Livros Didáticos	6
Livros em outro idioma (françês) [12]	24

[10] Bolsistas Carolina Cechella Philippi (Curso de Pedagogia) e Elaine Maria Quadros (Curso de História) da FAEd/ UDESC que, em diferentes momentos, fotografaram o acervo como uma das atividades previstas e determinadas pela Coordenação e sempre com a supervisão da Bibliotecária Iraci, da UDESC.

[11] O fruto do trabalho de digitalização e catalogação total destas se encontra armazenado em CDs de dados que, atualmente, integram o acervo do Laboratório de Patrimônio Cultural do Centro de Ciências Humanas e da Educação (CCE/FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

[12] Nas categorias que se referem ao idioma do livro, agrupam-se exemplares que tratam de assuntos também elencados, como política, história e sociologia.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Livros em outro idioma (espanhol)	32
Livros em outro idioma (inglês)	2
Livros em outro idioma (alemão)	4
Oratória	1
Política	26
Sociologia	43
Turismo/Viagem	9
Outros[13]	35

[14]Fonte: Acervo de Victor Márcio Konder/ Biblioteca Universitária /UDESC
Elaboração: Carolina Cechella Philippi (Bolsista PIBIC/CNPq)

Destaca-se, todavia, o fato de que foi realizada, antes da incorporação da coleção ao acervo da Biblioteca Universitária, uma triagem por parte dos doadores e também de funcionários da instituição. Portanto, não se trata em sua plenitude da coleção bibliográfica de Victor Márcio Konder, mas daquilo que a família se dispôs a doar e a entidade se comprometeu em aceitar e salvaguardar.

A doação de um acervo ou coleção a uma instituição pública traz consigo demais desejos e ímpetos que a conservação dos materiais que a integram; a publicização de um arquivo pessoal acarreta na formação da imagem pública do seu doador. Para tanto, doam-se obras tidas em mais alto grau no meio intelectual, evidenciando assim a erudição e as redes de sociabilidades nas quais tal indivíduo se enquadrava. A preservação e disponibilização de bens pessoais acalenta um desejo de escrever uma biografia a ser divulgada, desenhar uma imagem a ser conservada,

[13] Nesta categoria foram agrupados não apenas livros que não se encaixem nas elencadas classificações, mas também aqueles dos quais não foi possível saber do que se tratavam.

[14] Os demais livros que integram a coleção á estão categorizados, elencados e disponíveis para consulta e aluguel na Biblioteca Universitária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/Florianópolis) Para consulta digital ao material, acessar o endereço www.bu.udesc.br e selecionar como doador Victor Márcio Konder.

ISBN: 978-85-98711-10-2

buscando incessantemente ratificação e justificação quanto a quem foi seu colecionador[15].

Os mais de quatrocentos volumes disponíveis no setor de Obras Raras da Biblioteca mostram-se e mostram partes e facetas do que foi a racionalidade de um colecionador esquerdista, intelectual, docente. Entretanto, as inúmeras triagens que integram seu percurso legam também lacunas, que parecem esconder o lado íntimo e pessoal do arquivista.

Continuo, ainda, a "desempacotar a biblioteca" de outrem[16].

INSCRIÇÕES DE SI, PROJEÇÕES DO "EU"

A desgastada encadernação, já em vias de se desprender, guarnece folhas amarelas. Os olhos cansados esbarram em algo: um manuscrito. Mais ainda: uma assinatura; algumas outras páginas adiante, uma marginália. São tantas que se inscrevem neste pessoal acervo e se mostram em meio ao processo de pesquisa que torna-se difícil a recusa do convite por uma leitura, ainda que intrusa, atraente.

As pequenas marginálias, as anotações apressadas, a rebuscada assinatura, bem como recados de terceiros apenas ratificam um profundo intento de guarda. Colecionar seria, por si só, um "teatro de memórias", onde cada artefato acumulado reflete reminiscências de um período anterior ou lembranças de um doce passado há muito vivido. Mais que uma real utilidade, a coleção possui uma sede de lembrança, de rememoração, ou até mesmo um medo do esquecimento. A impossibilidade de acumulação total de bens é comumente a decepção do bibliófilo; perceber a incapacidade da execução de tão caro projeto o obriga a efetuar seleções, de acordo com os mais variáveis itens ou critérios. Nesta, preciosos e decisivos podem ter sido aqueles pequenos manuscritos. Escrever, mais que um ritual de erudição, é também um meio de fuga do esquecimento, uma certeza física e legível de que o que se escreveu não será

---

[15] ABREU, Regina. Parceiros de uma troca de presentes. Heranças e legados. In: _____ **A fabricação do imortal:** memórias, história e estratégias de consagração no Brasil. RJ: Rocco, Lapa, 1996. Pág 31-41, 47-55.

[16] Mais uma vez as citações entre aspas fazem parte do conto "Desempacotando minha biblioteca", de Walter Benjamim.

ISBN: 978-85-98711-10-2

mais olvidado. As escritas ordinárias, assim como os livros que as abrigam, fazem assim parte de um "teatro de memórias"[17].

Fazem-se presentes no acervo estudados marcas de leitura e do tempo; as primeiras, constituídas por dedicatórias, inscrições, assinaturas, traduzem o que seriam indícios da leitura de um colecionador sob uma pequena parte de sua coleção. Por marginálias são aqui entendidas pequenas anotações de beira de página, comentários e palavras soltas que permitem supor práticas de leitura e apropriação do texto, expondo assim uma versão do uso do material impresso, bem como um itinerário dos caminhos em seu interior trilhado[18]. Na corrente pesquisa dedicou-se especial atenção a oito volumes da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*[19] de propriedade do colecionador, onde este se inscreve em assinaturas, rabiscos e linhas, publicadas entre os anos de 1944 e 1946, localizadas em meio à biblioteca pessoal de Victor Márcio Konder. Dentre referidos exemplares, seis apresentam artigos de Lourenço Filho (1897-1970), intelectual e educador republicano e também fundador do Instituto Brasileiro e Estudos Pedagógicos e, sendo assim, também da referida revista[20].

Um escrito, em especial, chama atenção não apenas pelo tema, mas pela forte presença do leitor por meio de sua inscrição a lápis em inúmeras páginas; no artigo de Lourenço Filho intitulado *"Ensino e Biblioteca"* [21], Victor Márcio realiza traços, sublinha termos, assinala frases. Insere-se assim como leitor e também como construtor de um sentido que lhe é próprio – o momento de leitura do artigo não apenas o

---

[17] BLOM, Philipp. Um teatro de memórias. In: _____ **Ter e manter** – uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003. Pág 203 – 221.

[18] CUNHA, Maria Teresa Santos. **Uma biblioteca anotada:** caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola Catarinense (Décadas de 20 a 60 / Século XX). Florianópolis: UDESC, 2009. 80 p.

[19] Os volumes disponíveis no acervo pessoal de Victor Márcio Konder são os números: seis, sete, dez, catorze, quinze, dezesseis, dezessete e vinte. Todos os volumes foram catalogados e digitalizados integralmente, estando disponíveis para consulta no acervo do Laboratório de Patrimônio Cultural (LabPac) nas dependências da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

[20] CUNHA, Maria Teresa Santos. UM PATRIOTISMO SÃO: lições de História para a Escola Primária. Um estudo na série de leitura graduada "Pedrinho" de Lourenço Filho (décadas de 50/70 do século XX). Revista Linhas, vol 12, número 1. Disponível em http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2288 . Acesso 4 de julho de 2011.

[21] O referido artigo se encontra também catalogado, integrando o número 16 da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

ISBN: 978-85-98711-10-2

contempla pelo ato léxico da leitura, mas também pelo ato motor da escrita. Ele o mobiliza, o incentiva a se inscrever em suas páginas, se assinalar em suas palavras.

Ao travar paralelos e relações indissociáveis entre biblioteca e ensino, Lourenço Filho se entrega a um exercício de rememoração de suas práticas de leitura da infância até então; descreve lugares, momentos, posições, suportes, meios de aquisições. E ressalta a primordialidade de um elo entre o ensino e a leitura, dizendo ser o ensino da leitura um dever da escola e sua principal finalidade a de confrontação da realidade..

São nestas descrições que o colecionador se insere, se escreve; traceja, assinala, rabisca. Ao ler a trajetória de aprendizagem e leitura de outrem, a marca entre tantas palavras, a elege em meio ao infinito da folha impressa. Insere-se, inscreve-se. O colecionador se mostra na coleção, rememora experiências e as expressa também por meio da seleção de materiais, mas não apenas desta forma; traça seu perfil ao pescar frases, selecionar excertos, confeccionar sínteses. Mais que marcas e pistas de uma possível apropriação, marginálias são traços de uma relação entre leitor e texto, onde as beiras da página se mostram espaço suficiente para elucubrações e devaneios.

Se, para Artiéres[22], a interpretação de um arquivo pessoal é o esforço para compreender uma imagem construída, seu entendimento a partir de suas marcas de leitura e leitoras abre espaço a novos meios de compreensão e estudo. Entender uma biblioteca como uma coleção de livros que se deu com determinado fim abre portas para entendê-la em seus contornos autobiográficos, onde o objetivo maior é a consagração da imagem de um intelectual alicerçada leituras efetuadas e volumes guardados.

Marginálias abrem outra via de explanação e investigação; ao apontarem percursos de um leitor presente, assinalam para uma prática real que se corporifica através do delicado sublinhado e dos rebuscados comentários. Trechos grifados, merecedores, para o leitor, de maior destaque, apontam para o movimento de apropriação efetuado por um andarilho em um terreno de outrem, na imensidão de uma página da qual, aos poucos, se apropria.

Desprovida de parte de seu valor simbólico ao se ver mais eficazmente distribuída, a leitura abre espaço para novas práticas e modelos de relação para com

[22] ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos** – Acervos Pessoais. Fundação Getúlio Vargas. Vol 11, número 21, 1998. Pág 9 – 33.

ISBN: 978-85-98711-10-2

seus portadores. A apropriação de quem lê adquire, para Chartier[23], novos contornos de acordo com seu objetivo e com o meio de diferenciação; neste sentido, assinalar, marcar, rabiscar, mais que um indício de leitura é também um ato de diferenciação, de demarcação de um meio próprio de tomar posse do livro que lhe é oferecido.

O "teatro de memórias" no qual o pesquisador mergulha ao adentrar no espaço de uma biblioteca pessoal abre espaço para múltiplos atores, sendo o principal, claro, seu dono e colecionador. Colecionar é, portanto, um ato de intenções biográficas, onde o colecionador se envolve na empreitada da autoglorificação de si e onde posteriores julgamentos tornarão ou não seu acervo um patrimônio.

Não se limita, por sua vez, o ator principal deste teatro ao papel de coadjuvante; afirma-se no momento em que se inscreve, deixando em seus traços os contornos de uma apropriação sua de um material impresso. Rabiscar, escrever, descrever, sublinhar são práticas de projeção de um leitor sobre o que lê; ao referir-se, especificamente, ao já citado acervo, são também meios de se perpetuar enquanto leitor em um acervo imortalizado.

O "teatro de memórias" sacraliza, assim, um ator maior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desempacotar a biblioteca de outrem não se inscreve em um simples impulso mecânico de organização e guarda; tal acervo é, antes de mais nada, inserido em uma lógica que o nomeia e o tem como um patrimônio documental digno de salvaguarda e preservação. Como patrimônio documental entende-se aqui o acervo pessoal de Victor Márcio Konder, mas entendendo e deixando claro sua inserção social, onde é considerada digna de preservação determinada categoria de material. Preservou-se o que se manteve com fins de diferenciação, identificação de um intelectual de época.

Colecionar é um ato biográfico: ao mesmo tempo que se guarda, ocorrem seleções e descartes que visam a consolidação de uma memória, de uma interpretação

---

[23] CHARTIER, Roger. Do lado das elites: ler em sociedade; O impresso na intimidade popular; Difusão do impresso, diferenciação das leituras. In: _____ **Leituras e Leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: Editora UNESP, 2004. Pág. 224-234.

ISBN: 978-85-98711-10-2

quanto a um personagem. Ao preservar determinados livros, escritos, catálogos, é salvaguardada uma trajetória intelectual e um percurso profissional que foi tomado como digno de um processo de patrimonialização.

O colecionador se insere em sua coleção; se, para Benjamim[24], apenas este vê sentido e função em seu acervo, este também não se vê como um ser alheio ao este. Pelo contrário, se inscreve, se insere, escreve em seu acervo, em sua biblioteca. E, desta forma, atua ativamente, deixa traços de um percurso de leitura e apropriações que são posteriormente apreendidos pelo historiador do presente.

Ao submergir na presente biblioteca, o historiador de vê cercado de fragmentos de papéis, tinta, mas também estilhaços de uma identidade de época; no caso, partes de uma personalidade maior, reconhecida e acalentada enquanto intelectual e pensador. Embora seja premente ter sempre em vista as intenções biográficas de construção de uma imagem coesa e de glorificação da personalidade própria, deve o estudioso do tempo presente permitir-se afundar em vestígios de outrem que são atualmente preservados. O trabalho em acervos inclui esta imersão, este esquecimento de si em nome do reconhecimento de outro, ao mesmo tempo não olvidando por inteiro suas ferramentas de análise e categorias de estudo.

Mais que uma escrita de si no tempo, uma biblioteca pessoal é um campo de atuação de um sujeito histórico datado, onde são legados a estudiosos vindouros não apenas fontes bibliográficas, mas pegadas de um percurso de leitor e, sobretudo, colecionador. O exercício de posse exercido entre possuidor e posse se mostra não apenas no ato de adquirir e guardar, mas no ato de escrever e inscrever-se. No presente artigo, focaliza-se o artigo de Lourenço Filho já elencado para fins de pesquisa, mas são presentes no acervo outras incontáveis marcas de um compulsivo leitor.

Desempacota-se, ainda, a biblioteca de outrem.

---

[24] BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. In: _____ **Obras Escolhidas II** – Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. Pág 227 – 235.

ISBN: 978-85-98711-10-2

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. Parceiros de uma troca de presentes. Heranças e legados. In: _____ **A fabricação do imortal:** memórias, história e estratégias de consagração no Brasil. RJ: Rocco, Lapa, 1996. Pág 31-41, 47-55.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos** – Acervos Pessoais. Fundação Getúlio Vargas. Vol 11, número 21, 1998. Pág 9 – 33.

BELLOTO, Heloísa L. Documento, informação e meios institucionais de custódia e disseminação. In_____ **Arquivos permanentes:** tratamento documental. 2. Ed. Ver. Ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Pág. 35-43.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. In: _____ **Obras Escolhidas II** – Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. Pág 227 – 235.

BLOM, Philipp. Um teatro de memórias. In: _____ **Ter e manter** – uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003. Pág 203 – 221.

CHARTIER, Roger. Do lado das elites: ler em sociedade; O impresso na intimidade popular; Difusão do impresso, diferenciação das leituras. In: _____ **Leituras e Leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: Editora UNESP, 2004. Pág. 224-234.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Uma biblioteca anotada:** caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola Catarinense (Décadas de 20 a 60 / Século XX). Florianópolis: UDESC, 2009. 80 p.

CUNHA, Maria Teresa Santos. UM PATRIOTISMO SÃO: lições de História para a Escola Primária. Um estudo na série de leitura graduada "Pedrinho" de Lourenço Filho (décadas de 50/70 do século XX). **Revista Linhas,** vol 12, número 1. Disponível em http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2288 . Acesso 4 de julho de 2011.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. **Revista Estudos Históricos** – Acervos Pessoais. Fundação Getúlio Vargas. Vol 11, número 21, 1998. Pág 121- 127

KONDER, Victor Márcio. **Militância.** São Paulo: Arx, 2002.

POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. **Ciências e Letras** – número 1, Agosto de 1979. Porto Alegre: Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 1979. Pág. 14 – 25.

ISBN: 978-85-98711-10-2

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva Família Marcos Konder Sênior. In: _____ **Famílias de Itajaí**: mais de um século de história. Itajaí: Odorizzi, 2001